

Educação e mobilidade social nas favelas do Rio de Janeiro: O caso dos universitários (graduandos e graduados) das favelas¹

Licia Valladares

Professora da Université de Lille 1

Mudanças no âmbito da educação vêm afetando a estrutura social das favelas do Rio de Janeiro. A autora chama a atenção para a mobilidade social presente nessas transformações, por meio do caso de um novo grupo social constituído de graduandos e graduados de universidades. Os chamados “universitários das favelas” revelam que uma “nova favela” está surgindo, mais heterogênea e diferenciada, reunindo uma população que não cabe mais na imagem tradicional do “favelado”. O artigo considera o papel das políticas sociais no aumento do contingente desses universitários e apresenta alguns dados preliminares oriundos de uma pesquisa em andamento.

Palavras-chave: favela, universitários, mobilidade social, ação afirmativa

Changes in the sphere of education have been affecting the social structure of the ‘favelas’ in Rio de Janeiro. The author of this article draws attention to the new social mobility existing in these communities, taking as example the case of a new social group created by graduate and undergraduate students. The so-called ‘favela university students’ show that a new favela, more heterogeneous and differentiated, is emerging, including a population that does not fit into the traditional image of an inhabitant of a favela. The article considers the role of social policies in the increase of the quantity of students like these and presents some preliminary data from an ongoing research.

Keywords: favela, university students, social mobility, affirmative action

1. Introdução

Este artigo trata de mudanças no âmbito da educação que estão afetando a estrutura social das favelas do Rio de Janeiro. São mudanças importantes e recentes que até agora pouco têm chamado a atenção dos pesquisadores (VALLADARES e MEDEIROS, 2003), mas que, a nosso ver, revelam aspectos relevantes da “questão das favelas”, sobretudo no que se refere à diversidade de sua população.

Depois de vários anos de trabalho de campo em uma favela, acompanhando a evolução da mesma (VALLADARES, 1978, 2000), fomos interpelados por suas transformações físicas e sociais e pela mobilidade social que vem afetando uma parte de sua população. A escolha desse tema tem a ver, também, com um trabalho anterior de história da pesquisa sobre as favelas do Rio de Janeiro (VALLADARES, 2005) no qual constatamos a

Recebido em: 01/07/09

Aprovado em: 15/08/09

¹ Este texto é parte do projeto de pesquisa “Conflicts Urbains, Violence et Processus de Criminalisation” (Acordo Capes-Cofecub n. 613/08), entre o Nécvu/IFCS/UFRJ e o Clersé/CNRS. Gostaria de agradecer a Michel Misse, coordenador do Nécvu, que gentilmente colocou à minha disposição dois bolsistas de iniciação científica, Daniel Gaspar e Gisele de Mello Silva, aos quais também gostaria de expressar minha gratidão. Estudantes de ciências sociais do IFCS, esses bolsistas trabalharam na pesquisa por seis meses e um ano respectivamente.

presença, entre a grande maioria dos estudiosos, de uma série de “dogmas”, dentre os quais aquele que insiste na homogeneidade do universo das favelas e dos seus moradores².

Em oposição a essa linha de pensamento, fala-se da “nova favela³”, que é mais heterogênea e diversificada tanto do ponto de vista do seu espaço construído quanto de sua população residente (MACHADO DA SILVA, 1967; LEEDS, 1969; MEDINA, 1969; PRETECEILLE e VALLADARES, 2000; ALVITO, 2001; ABRAMO, 2002; SOUZA e SILVA, 2003; PICCOLO, 2006). Com efeito, o modelo tradicional é posto em questão frente a mudanças verificadas nas mais consolidadas e antigas, na “favela globalizada” (VALLADARES, 2000), que há pelo menos 15 anos tem comércio e serviços como agência de correios, bancos, clínicas médicas particulares, supermercados, MacDonal’d’s, telefones celulares, internet, turismo, ONGs que oferecem os serviços mais variados, que vão desde o aprendizado de línguas estrangeiras até a formação de fotógrafos, músicos e dançarinos, sem falar de agências imobiliárias e o desenvolvimento de um mercado de aluguéis. Além disso, uma parte de sua população usa cartões de crédito, toma empréstimos em bancos, compra carros e motos a prestação etc.

Nossa hipótese é a de que as favelas (que correspondem atualmente a cerca de mil aglomerados só no município do Rio de Janeiro⁴) estão passando, a cada dia mais, por um complexo processo de diferenciação social, seguindo a tendência geral de mobilidade social por que passa a sociedade urbana brasileira (SCALON, 1999), onde a educação tem seu lugar. Com base em um estudo sobre graduados e graduandos que moram ou tenham morado em favelas do Rio, sugerimos que, já há alguns anos, estamos diante de um processo significativo de mobilidade social por intermédio da educação. Mediante o acesso de alguns ao ensino superior, a população das favelas se diversifica e complexifica, afetando assim sua estrutura social⁵. Diversos programas governamentais e políticas públicas vêm colaborando nesse sentido.

Os chamados “universitários da favela” foram identificados pela primeira vez por Mariz, Fernandes e Batista (1998), que pesquisaram em duas localidades (Rocinha e Maré) um pequeno grupo de formados e formandos. Com base em entrevistas realizadas com nove moradores, as autoras buscaram identificar os fatores que levam certos indivíduos a romper o círculo vicioso

2 Há, evidentemente, autores que se contrapõem ao dogma da homogeneidade da favela, valendo ressaltar que o estudo feito pela SAGMACS em 1960 já demonstrava diferenças significativas entre as favelas pesquisadas. E Machado da Silva já falava em 1967 em uma “burguesia favelada”. Podemos supor que tais autores não mencionam a educação superior como variável diferenciadora e distintiva pois à época não havia moradores de favela com acesso ao ensino universitário.

3 Também fazem parte da “nova favela” a violência urbana, o papel dos evangélicos e a favela turística. Ver sobretudo Machado da Silva (2008), Birman e Leite (2003) e Freire-Medeiros (2009).

4 Segundo os dados mais recentes do Sistema Multimídia sobre os Assentamentos de Baixa Renda do Município do Rio de Janeiro (Sabren), há 1.020 favelas na cidade: <http://portalgeo.rio.gov.br/sabren/Favelas/rell.php>.

5 Outros atores também interferem em mudanças na estrutura social das favelas: os traficantes, os comerciantes, os especuladores (donos de vários imóveis naquelas localidades). A mobilidade social experimentada por tais atores não tem nada a ver, no entanto, com o aumento do nível educacional.

da pobreza, defendendo a hipótese que relaciona o ingresso de jovens da favela na universidade com a prática religiosa. Logo a seguir, Souza e Silva (2003), em sua tese de doutorado, descreve e analisa as histórias de vida de 11 moradores de uma mesma favela – a Maré – que se tornaram profissionais e têm uma longa história de envolvimento em movimentos coletivos. Também nesse caso os entrevistados mostram que há uma saída para a pobreza, que a pobreza não leva necessariamente ao ingresso no tráfico de drogas, ao fracasso e à evasão escolar. Souza e Silva, ele mesmo um “doutor da favela”, sugere que o chamado “universo popular” não é tão homogêneo como se poderia supor, embora a sociedade brasileira continue a ser muito desigual e haja grandes diferenças entre ricos e pobres.

Nossa pesquisa retoma, portanto, um tema que já havia sido levantado por alguns pesquisadores. Faz isso, no entanto, de outra forma. Não se interessa por moradores de favelas específicas, mas por moradores de favelas em geral, desde que situadas no município do Rio de Janeiro. A pesquisa não só se volta para aqueles que já têm o terceiro grau completo (graduados), mas considera, igualmente, aqueles que ainda estão tentando obter um diploma universitário (graduandos), ou seja, aqueles que estão cursando uma universidade. Por outro lado, várias recentes políticas públicas e iniciativas privadas são consideradas por esta pesquisa na medida em que parecem estimular o aumento do número de universitários, na população carente do país e na população das favelas em particular.

Várias questões nos soam relevantes para um estudo sobre a educação superior e a mobilidade social nas favelas. O primeiro conjunto delas tem a ver com o perfil social desses estudantes. Quem são eles, em termos de idade, favela de origem, local de residência, trajetórias familiar e educacional, universidade e curso(s) escolhido(s), experiência de trabalho, envolvimento em atividades locais e redes sociais? Essas perguntas devem ajudar a compreender seu processo de mobilidade. Pertencem eles a uma mesma geração? Será que ainda residem em favelas ou a mobilidade social implica uma mobilidade residencial (uma mudança para um bairro que não é classificado como favela)? Que tipo de universidade frequentam ou frequentaram, públicas ou privadas? Que carreiras escolhem ou escolheram? Estão envolvidos em atividades comunitárias? Onde trabalham ou fazem estágio? Qual o papel da família, das redes sociais (amigos, professores e relações de trabalho) e das políticas públicas na trajetória que os leva à universidade?

Há também uma série de perguntas relacionadas ao mercado de trabalho. Em que medida um diploma universitário representa melhores oportunidades para alguém que mora em uma favela? O estigma de ser um “favelado” seria neutralizado pelo diploma? Outra série de questões vinculase ao papel desses graduados e graduandos dentro do próprio território da favela. Tomam eles parte nas atividades do bairro, no desenvolvimento da “comunidade”? Opõem-se eles ao “líder” tradicional do local? Como se sentem e agem em relação à violência e ao tráfico de drogas?

Neste artigo lidaremos apenas com o primeiro conjunto de perguntas acima mencionado. Trata-se, com efeito, de um primeiro texto de uma pesquisa em andamento cujos resultados ainda são preliminares.

2. Localizando uma minoria invisível

Localizar graduados e graduandos das diferentes favelas do Rio de Janeiro é um grande desafio. Parte do problema se deve ao fato de que eles são, em grande medida, “invisíveis”. É impossível saber o percentual que o grupo representa. Embora o Censo faça distinção entre pessoas que moram nas favelas⁶ e as que não moram, ele não discrimina, nesta última categoria, os ex-moradores de favelas. Por outro lado, as políticas públicas destinadas a ajudar as pessoas com menos oportunidades (como por exemplo as políticas de ação afirmativa, o programa ProUni) não distinguem seus beneficiários por local de moradia. Além disso, tampouco se consegue saber quem vem de uma favela por meio do endereço fornecido pelos próprios alunos às universidades, uma vez que o endereço não é discriminador.

Como, então, identificá-los? Diferentes procedimentos foram utilizados: conhecimentos pessoais, indicação de outros pesquisadores que estudam favelas, consulta à literatura produzida pelas ONGs, consulta a programas governamentais que atuam em favelas, uso de redes sociais como o Orkut, listas fornecidas por ONGs que atuam em favelas e, sobretudo, indicações feitas por pessoas que foram por nós entrevistadas. Neste último caso, utilizamos a técnica da bola de neve para criar uma lista em um processo contínuo. Assim vamos desco-

6 Segundo o Censo 2000, apenas 2% da população das favelas do estado do Rio de Janeiro com mais de 25 anos de idade tinham 12 ou mais anos de estudo.

brindo a cada dia mais universitários e de proveniência muito variada, tanto em termos de favela de origem, como de curso e universidade frequentada⁷. Para este artigo nos limitamos a uma lista de 109 graduados ou graduandos que residem ou já residiram em uma das favelas do município do Rio de Janeiro. Esse número corresponde àqueles encontrados do início da pesquisa (2008) até julho de 2009.

3. As políticas sociais, as iniciativas particulares e seu impacto

Na última década, várias políticas sociais e iniciativas provenientes de instituições privadas voltadas para diminuir as desigualdades sociais no Brasil foram postas em prática e, sem dúvida, influenciaram e influenciam a trajetória dos universitários que moram ou moraram em favelas cariocas. Algumas partiram da Igreja, outras do próprio governo. Muito embora não haja informações precisas sobre o percentual de estudantes que moram ou residiram em favelas tendo se beneficiado dos diversos programas abaixo citados, de acordo com os dados coletados pelo presente projeto de pesquisa a maioria dos graduandos ou graduados frequentou um pré-vestibular comunitário, se beneficiou ou se beneficia do sistema de cotas, tem ou teve algum apoio da PUC e de seu programa de ação social ou tem bolsa do ProUni. Muito poucos são aqueles cuja trajetória não passou ou não passa por um desses programas ou políticas sociais. Esses casos se restringem principalmente aos universitários da favela da primeira geração (sobre os quais falaremos mais adiante).

Pelo menos quatro dessas políticas merecem ser mencionadas.

3.1. Os pré-vestibulares comunitários

A ideia dos pré-vestibulares comunitários (cursos que preparam os alunos de bairros pobres para o exame de seleção das universidades) para pessoas carentes parece ter surgido em 1989, em São Paulo, juntamente com o desenvolvimento do movimento negro, e cresceu no âmbito da iniciativa da Igreja Católica. No Rio de Janeiro, em 1993, o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) foi criado por um padre em um dos

7 Elionalva Silva (2006), em sua análise do Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré, encontrou nada menos que 408 estudantes que ingressaram na universidade! O Complexo da Maré reúne 16 favelas e tem 132 mil habitantes.

municípios mais importantes da periferia (São João de Meriti) e, desde então, multiplicou-se por diferentes localidades. Hoje, a rede conta com 21 unidades, que operam nas áreas centrais e na periferia⁸. O PVNC é específico para o Rio de Janeiro, mas não o é para a população das favelas: como o próprio nome diz, é destinado a negros e carentes.

Outra rede de pré-vestibular comunitário é a Educafro. Criada em 1992 como uma ONG, em São Paulo, também tem sede no Rio de Janeiro, onde estão 48 das 104 unidades que possui em todo o Brasil⁹.

Há outros pré-vestibulares comunitários que não fazem parte da rede do PVNC ou da rede Educafro. Eles se consideram independentes. Alguns, como o Pré-Vestibular da Maré (CPV-Maré)¹⁰, estão ligados a ONGs¹¹ locais; outros, a associações de moradores ou igrejas evangélicas. Há ainda pré-vestibulares localizados em favelas formados por ex-alunos que repassam sua experiência a jovens que aspiram chegar, como eles, à universidade.

O número total desses cursos é desconhecido, já que não existe um registro geral. Mas eles são muitos, mobilizando docentes e educadores em jornadas pedagógicas em que se discute também a construção da cidadania como uma pauta da reflexão formativa. Para Carvalho, Alvim Filho e Costa, organizadores do livro, publicado em 2005, *Cursos pré-vestibulares comunitários: Espaços de mediações pedagógicas*, estaríamos diante de um verdadeiro “movimento social (...) hoje operando em comunidades pobres, igrejas, ONGs e em espaços de escolas públicas e privadas” (p. 13). Sampaio (2005, p. 9) menciona a existência de 715 alunos oriundos dos CPVCs em 2005 no Rio de Janeiro. Carvalho (s/d) fala de 520 voluntários que atuam como professores, também no Rio de Janeiro. No Brasil, estima-se que o total dos cursos que preparam os alunos de bairros pobres para o vestibular seja de 2 mil¹².

3.2. O programa de bolsas de estudo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e seu Programa de Ação Social

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), uma instituição reconhecidamente de elite, possui, desde a década de 1970, um sistema de bolsas e apoio financeiro para ajudar estudantes carentes, parte de suas atividades filantrópicas e de seu ideário de contribuir para a democratização do sistema

8 Site do PVNC: <http://pvnc.sites.uol.com.br/nucleos.htm>.

9 Informação dada pelo coordenador da Educafro no Rio de Janeiro.

10 Silva (2006) escreveu uma tese chamada *Ampliando futuros*, em que analisa o desempenho do CPV-Maré durante sete anos (1998 a 2005).

11 O CPV-Maré está ligado ao CEASM, Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, uma grande ONG que atua na região.

12 Dados retirados da introdução do livro organizado por Carvalho, Alvim Filho e Costa (2005, p. 12).

educacional. Quarenta e dois por cento de todos os estudantes da PUC se beneficiam de bolsas de estudo que variam de acordo com as possibilidades de seus pais. Desses 42%, 14% são bolsistas do Programa de Ação Social. Essas bolsas podem contemplar a isenção de mensalidades, bem como cobrir com um fundo de emergência gastos com alimentação, transporte e habitação¹³. Muitos dos beneficiários dessas bolsas vêm de favelas, a maioria da Rocinha, do Vidigal, do Rio das Pedras e da Maré¹⁴.

Quando os pré-vestibulares comunitários das redes PVNC e Educafro foram criados (alguns anos após o Programa de Ação Social estar em funcionamento), a PUC estabeleceu uma parceria com os mesmos. O número de bolsas de estudo vem aumentando à medida que a universidade vem recebendo mais e mais estudantes de grupos sociais desfavorecidos. Com a criação do ProUni, a PUC disponibilizou mais bolsas dentro do seu programa.

3.3. O programa federal ProUni – Universidade para Todos

O ProUni foi criado pelo governo federal em 2004, tendo como objetivo promover a inclusão social. Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior. Foi concebido para beneficiar estudantes não aceitos por universidades públicas, mas que passaram para entidades privadas. Inclui alunos que vêm tanto de escolas públicas quanto privadas. Para concorrer às bolsas, o candidato deve ter renda familiar de até três salários mínimos por pessoa.

Segundo dados oficiais, o ProUni já atingiu cerca de 430 mil estudantes em todo o país, 70% dos quais com bolsa de estudo integral. Essas bolsas incluem apenas as mensalidades da faculdade¹⁵.

Juntamente com o ProUni, uma nova forma de seleção foi introduzida, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que é uma alternativa ao vestibular. Consiste em uma prova feita ao fim do ensino secundário, à semelhança do *baccalauréat* francês. Foi implantado pela primeira vez em 1998, mas revelou-se inadequado à política de inclusão proposta pelo ProUni, já que se transformou em uma prova muito difícil e inadequada (CARVALHO, ALVIM FILHO e COSTA, 2005). Permanece, no entanto, como instrumento básico de seleção de alunos que se candidatam a uma bolsa.

13 Para mais informações, consultar o site da PUC: www.puc-rio.br

14 Jailson Souza e Silva, que publicou sua tese com o título *Por que uns e não outros?*, obteve seu doutorado em educação na PUC em 1999. Depois disso, um acordo foi selado entre a PUC e o Ceasm, a ONG da qual era diretor, garantindo bolsas de estudo para os estudantes provenientes da Maré (SILVA, 2006, p. 4).

15 Para mais informações, consultar <http://portal.mec.gov.br/prouni/>.

Segundo o Sistema de Informações do ProUni (Sis-prouni), entre 2005 e o 1º semestre de 2009 o ProUni distribuiu 288.893 bolsas na Região Sudeste do país (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo), das quais 38.397 (13,3%) no estado do Rio de Janeiro.

Apesar de o ProUni beneficiar as universidades privadas, que, em troca de bolsas de estudo, fazem deduções de impostos, esse programa tem servido de estímulo a muitos residentes de favelas que estudam em universidades particulares.

3.4. O sistema de cotas: programa de ação afirmativa¹⁶

No Brasil os programas de ação afirmativa existem há quase dez anos, mas estão limitados às universidades. Acredita-se que é no nível superior de ensino que a desigualdade racial deve ser primeiramente combatida. A reserva de um determinado número de vagas (cotas) para negros nas universidades é a maneira brasileira de confrontar-se as diferenças entre as raças. Para lutar contra as desigualdades, o governo federal propôs que as universidades designem 50% das matrículas para alunos provenientes do ensino público, incluindo uma percentagem para negros e índios estipulada com base nos dados demográficos fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Uerj, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi a primeira no Brasil (em 2002) a reservar vagas no vestibular para estudantes autodeclarados negros. Atualmente a ação afirmativa na Uerj é também social: as cotas são de 20% para negros, 20% para estudantes oriundos de escolas públicas (independentemente de cor de pele) e 5% para deficientes e outros grupos étnicos.

Segundo dados recentes, a Uerj tem 9 mil estudantes que ingressaram pelo sistema de cotas¹⁷. A origem social dos estudantes e não apenas a cor da pele é também considerada: sua renda individual não pode ser superior a R\$ 630. Especificamente em relação aos estudantes negros, há dois programas de auxílio: o já mencionado ProUni e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies). O Fies financia até 50% do valor das mensalidades, mas requer que o dinheiro seja devolvido após a formatura. De acordo

16 Muito tem sido escrito sobre ação afirmativa no Brasil (PAIVA, 2004). Paixão e Carvalho (2008) deram início a um relatório anual sobre as desigualdades raciais financiado pela Fundação Ford.

17 Para obter mais informações, consultar <http://www.uerj.br/modulos/kernel/index.php?pagina=915>.

com Paixão e Carvano (2008, p. 83), entre 2003 e 2006 pelo menos 100 mil alunos negros se beneficiaram do ProUni ou do Fies em nível nacional¹⁸.

4. Quem são os graduados e graduandos das favelas? Alguns dados preliminares da pesquisa

Nosso *corpus* está constituído por um total de 109 pessoas, que correspondem a indivíduos que residem ou residiram em favelas do Rio, que estão na universidade ou já passaram por ela. Algumas dessas pessoas foram longamente entrevistadas; outras foram apenas contatadas pelos bolsistas; com as demais, entramos em relação via internet. Muitas responderam a um questionário curto. Os 109 universitários compõem assim uma longa listagem.

Analisando os dados, podemos descrever algumas das características do grupo.

4.1. De que favelas vêm?

Os 109 casos mostram claramente que a origem desses graduados e graduandos se concentra em algumas favelas (Maré, Rocinha, Rio das Pedras) muito populosas e há muito consolidadas. No Complexo da Maré, localiza-se o PVC-Maré, um dos maiores pré-vestibulares comunitários do Rio (SILVA, 2006), sendo a Rocinha, o Rio das Pedras e a Maré áreas “prioritárias” para a PUC e seu Programa de Ação Social.

No entanto, 28 favelas diferentes foram indicadas como áreas de onde provêm esses universitários. Isso assinala a extensão do fenômeno, que alcança não somente as favelas mais “tradicionais” e antigas, como também as mais recentes. Os entrevistados mencionaram colegas ou amigos que também se encontravam (ou haviam estado) matriculados em instituições de ensino superior. Estes ainda não foram todos contatados e adicionados à nossa lista. Assim, o número real de universitários é ainda maior e, muito provavelmente, o de favelas de origem, também¹⁹.

18 Guimarães (2003) oferece, no artigo “Acesso de negros às universidades públicas”, uma análise detalhada da demanda e das resistências às ações afirmativas no Brasil.

19 Pode haver um *bias* em nossa lista, devido aos procedimentos utilizados para identificar os graduandos e graduandos nas favelas (ver “2. Localizando a minoria invisível”).

Tabela 1. Universitários por favela de origem

FAVELA DE ORIGEM	N
Maré	34
Rocinha	19
Rio das Pedras	15
Alemão	3
Jacarezinho	3
Parque da Cidade	3
Mata Machado	2
Tijuquinha	2
Tuiuti	1
Chapéu Mangueira	1
Comunidade Agrícola (Alto da Boa Vista)	1
Cruzada São Sebastião	1
Morro Azul	1
Morro da Formiga	1
Morro da Lagartixa	1
Morro da Serrinha	1
Morro das Malvinas	1
Morro do Encontro	1
Santa Marta	1
Vidigal	1
Vila Kennedy	1
Morro dos Macacos	1
Fernão Cardin	1
Mangueira	1
Manguinhos	1
Comunidade "Buguiugue"	1
Comunidade Thomaz Coelho	1
Vila Ipiranga	1
Favela não identificada	8
Total	109

Vale ressaltar que, em 17 casos (do total de 109), o universitário não mora mais na favela. Dez deles pertencem à geração mais velha (ver mais adiante), o que nos leva a supor que haveria uma relação entre mobilidade residencial e ascensão social²⁰.

4.2. Universidades e carreiras

Uma questão importante é identificar quais universidades esses estudantes de favelas frequentam ou frequentaram e que carreiras escolhem ou escolheram. A Tabela 2, a seguir, mostra que eles estudam ou estudaram em pelo menos 17 diferentes

20 Hipótese clássica, desde a Escola de Chicago.

universidades identificadas no Rio de Janeiro, a maioria delas particulares. A primeira da lista é a PUC, que, embora seja uma universidade privada, oferece muitas bolsas. Em seguida, vêm as universidades públicas (UERJ, UFRJ, Unirio, UFF), que abrigam metade (58) do total de universitários (109). São citadas mais 11 diferentes instituições particulares (18 universitários), na grande maioria das quais não há estudantes com bolsas de estudos.

Tabela 2. Universitários por universidade

UNIVERSIDADES	Total
PUC	24
UERJ	22
UFRJ	21
UNIRIO	8
UFF	6
ESTÁCIO	4
UCAM	4
FACHA	2
CEFET	1
FAHUPE	1
GAMA FILHO	1
HÉLIO ALONSO	1
SUESC	1
UNIPLI	1
UNISUAM	1
UNIVERCIDADE	1
VEIGA ALMEIDA	1
Indefinida	9
Total	109

Tabela 3. Universitários por tipo de universidade (pública/privada)

UNIVERSIDADES	Total
Pública	24
Privada	22
Indefinida	21
Total	109

Mas o que eles estudam e quais são as carreiras seguidas pelos universitários de favela?

Embora 22 cursos diferentes tenham sido mencionados (ver Tabela 4), os resultados mostram uma concentração em torno de algumas disciplinas – ciências sociais, comunicação, história, serviço social, direito, pedagogia, geografia, letras e literatura. Outras carreiras também foram citadas, o que sugere que há

residentes e ex-residentes de favelas em várias áreas do conhecimento. No entanto, é importante ressaltar que as ciências exatas aparecem muito raramente e que a maioria dos alunos se inscreve ou se inscreveu em ciências humanas e sociais²¹, área para a qual o vestibular é supostamente mais fácil.

Tabela 4. Universitários por carreira

CARREIRAS	N
Ciências Sociais	16
Comunicação/Jornalismo	13
História	12
Serviço Social	9
Direito	8
Pedagogia	8
Geografia	7
Letras e Litteratura	6
Informática	4
Administração	3
Arquivologia	3
Economia	3
Enfermagem	3
Engenharia Química	2
Museologia	2
Psicologia	2
Engenharia Mecânica	1
Filosofia	1
Medicina	1
Tourismo	1
Veterinária	1
Biblioteconomia	1
Indefinida	2
Total	109

4.3. Onde trabalham?

Dos 109 graduados e graduandos, apenas 13 declararam não trabalhar (estão sem trabalho), contra 94 que exercem uma atividade remunerada. A grande maioria dos universitários provenientes das favelas tem, portanto, que contribuir para a renda familiar. Há, porém, um número mínimo que não exerce atividade remunerada, dependendo financeiramente da família.

21 Mais uma vez pode estar ocorrendo um *bias* em nossa lista, desta feita em favor das ciências sociais, devido aos procedimentos utilizados para identificar os graduandos e graduados nas favelas (ver: “2. Localizando a minoria invisível”).

Tabela 5. Universitários por status de emprego

Emprego	N
Trabalho	94
Autônomo	4
Trabalho assalariado em empresa proivada	23
Trabalho assalariado em órgãos públicos	22
ONGs	24
Assistente de pesquisa universitária	12
Trabalho assalariado na administração de Pré-Vestibulares	4
Local de trabalho desconhecido	5
Sem trabalho	13
Sem resposta	2
TOTAL	109

Em que atividades encontram-se os 94 graduados e graduandos que trabalham?

Os entrevistados não são trabalhadores manuais nem operários. São basicamente assalariados nos setores público e privado e em ONGs. No setor público, são empregados por órgãos federais, estaduais e municipais. Alguns desses órgãos procuram profissionais “locais” com formação superior. Há programas especiais nas favelas – por exemplo, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) – que dão preferência a universitários. O setor privado também é responsável pela contratação de alguns: são secretárias, boys, trabalhadores de manutenção e serviços em informática etc.

Mas parece que são as ONGs que mais empregam os universitários de favela. Na Maré, o Ceasm, o Observatório das Favelas e a ONG Redes desenvolveram uma política explícita de contratação daqueles que entraram para a universidade. Outras ONGs, não necessariamente localizadas em favelas, também contratam pessoas oriundas dessas localidades. E os pré-vestibulares comunitários também o fazem, na medida em que têm como objetivo incluir ex-alunos em seu quadro de pessoal.

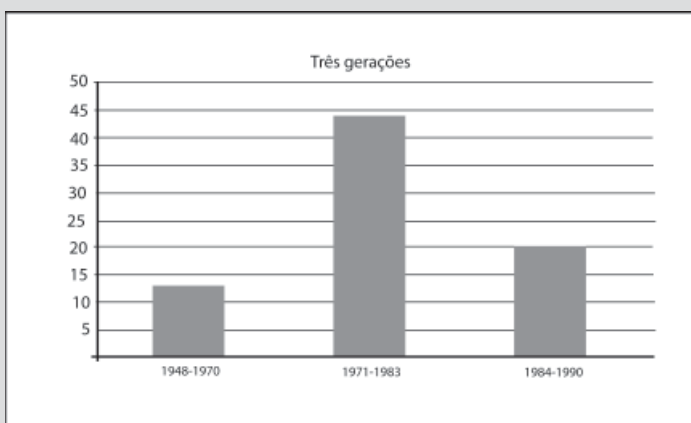
Um esclarecimento deve ser feito sobre os bolsistas de Iniciação Científica (12 no total). A bolsa é concedida por agências nacionais de fomento ao ensino e à pesquisa (CNPq e Capes) a estudantes que participam de projetos de pesquisa desenvolvidos por seus professores. Muito disputadas, essas bolsas não são específicas para moradores de favela e têm um valor sobretudo simbólico e de formação.

4.4 As gerações de universitários

A idade dos entrevistados, combinada com outros fatores, mostra claramente que estamos diante de três gerações de universitários com características diferentes:

- *Os universitários mais velhos*, da antiga e primeira geração. Têm entre 61 e 39 anos e são nascidos entre 1948 e 1970.
- *Os universitários mais jovens*, da segunda geração. Têm entre 38 e 26 anos e nasceram entre 1971 e 1983.
- *A atual geração*, que tem 25 anos ou menos, nascida a partir de 1984.

Figura 1. Três gerações de universitários



A geração mais velha tem as seguintes características: a) são poucos, constituindo uma exceção (uma minoria dentro de uma minoria); b) estão todos empregados e em cargos administrativos relativamente bons. Alguns são diretores, coordenadores ou empregados de ONGs. Outros trabalham nos vários programas para favelas ou programas destinados a sua população. Outros ainda trabalham de forma independente, são autônomos, ou dão consultoria privada; c) esses universitários não se beneficiaram das diferentes políticas sociais ou programas dos anos 1990 e do início do século XXI. Têm, por outro lado, uma longa história de envolvimento militante pautado pelo humanismo e pela “conscientização”; d) alguns deles fizeram mestrado ou cursos de especialização e, em casos excepcionais, doutorados; e) tendem a deixar suas favelas de origem. Estão claramente em processo de mobilidade social²².

22 O livro *A favela fala*, de Pandolfi e Grynszpan (2003), colhe depoimentos de vários líderes de favela que fazem parte dessa geração mais velha de universitários.

O segundo grupo, o maior deles, é composto por universitários mais jovens, formando uma segunda geração (com entre 26 e 38 anos). A maioria deles foi beneficiada pelos diferentes programas e políticas públicas promovidos recentemente, sobretudo os pré-vestibulares comunitários vinculados à Igreja e ao sistema de bolsa Ação Social. Nesses ambientes, foram submetidos a redes que reforçam o entrelaçamento das dimensões política e pedagógica por meio de cursos de cidadania. Alguns têm mestrado e ensinam ou assumem cargos administrativos nos pré-vestibulares, ajudando a multiplicar as oportunidades. Outros trabalham em ONGs locais. Também trabalham fora das favelas, em instituições públicas e privadas. Geralmente continuam a viver na favela de origem, onde se vinculam a atividades comunitárias. Estão inseridos em redes sociais locais. Estão no Orkut e alguns têm até sites e blogs.

O terceiro grupo é composto por alunos que ainda estão estudando para obter um diploma universitário. Trata-se de uma população muito jovem, que tem em média 22 anos. A grande maioria teve acesso à universidade por meio de um pré-vestibular comunitário. Em geral, eles conseguem uma bolsa de um dos programas de política social para estudantes carentes. Alguns contam com uma bolsa de iniciação científica, fornecida pelo CNPq ou pela Capes a projetos específicos. Vivem com seus pais e não pensam por enquanto em deixar a favela. Não demonstram preocupação social, nem sabem bem o que querem fazer no futuro.

5. À guisa de conclusão

Este artigo refere-se a uma pesquisa ainda em curso. No entanto, os seguintes comentários podem ser feitos, a título exploratório:

1) Embora graduandos e graduados sejam uma minoria na população das favelas (em relação à população total), eles representam sem dúvida um grupo que tende a aumentar consideravelmente. Seu número é bem maior do que pode parecer à primeira vista e os vários sistemas de bolsa parecem funcionar como um incentivo a abraçar uma carreira universitária.

2) Tais universitários constituem um grupo heterogêneo. Diferem quanto à favela de origem, quanto às universidades que cursaram ou cursam, quanto às áreas de conhecimento que abraçam, quanto aos empregos e ao trabalho que desenvolvem. Podem ser considerados como constituindo diferentes gerações que têm características distintas.

3) Uma palavra sobre as motivações parece-nos necessária, muito embora seja a título provisório. Duas seriam as principais – o desejo de diferenciar-se e uma motivação militante.

A necessidade de “ser alguém”, de ser “diferente dos outros”, é muito enfatizada. Lembremo-nos de que, no Brasil, obter um diploma universitário é indicador de ascensão social. Um certificado de curso superior significa uma ascensão em termos de *status* e também uma mudança subjetiva que implica uma nova visão de mundo, novos valores, novas amizades, novos conhecimentos, novas relações sociais. Ser detentor de um título universitário permitiria, assim, a alguns moradores de favelas, sobressair em meio a uma multidão de “iguais”.

A motivação militante também constitui um forte elemento incentivador do entrar em uma universidade. Ela é reforçada pelo fato de que o sucesso educacional é importante também para a vida da “comunidade”. Nesse caso, a motivação para estudar está ligada à luta e ao interesse por trabalhos comunitários e políticos²³. Os cursos de (“espaços de construção da”) cidadania que integram os pré-vestibulares comunitários encontram-se voltados, na maioria dos casos, para a valorização do espaço favelado, visando desse modo romper com a visão estigmatizante das favelas.

4) Finalmente, temos que nos referir ao tema da mobilidade social nas classes populares frente à literatura internacional. Foote Whyte, no clássico *Sociedade de esquina* (1955 [1943]), já distinguia, em seu estudo sobre uma área pobre e degradada de Boston, os “rapazes da esquina” dos “rapazes formados”, demonstrando que eles funcionavam em níveis sociais diferentes, estando organizados sobre bases distintas. Zéroulou (1988), que estudou em Lille (França) a trajetória escolar de filhos de imigrantes, mostra que nem todos os imigrantes dos meios populares estão fadados ao fracasso escolar, como é consenso geral. Duprez (1997), que analisou a experiência de trabalho de jovens oriundos da imigração magrebina, sobretudo os “animadores sociais”, observa que eles tentam desestigmatizar

23 Consultar, nesse sentido, os volumes da coleção *Caminhas de universitários de origem popular*, fruto do programa criado pelo MEC em 2004, Conexões de Saberes. Tal programa representa a expansão, para o cenário nacional, de uma iniciativa elaborada inicialmente pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Sobre os universitários do Rio, ver os seus depoimentos em *Caminhas de universitários de origem popular: UFF e Caminhas de universitários de origem popular: UFRJ*.

a imagem do magrebino, através do desempenho do seu trabalho, visto por eles também como tendo um papel político. Marlière (2008), estudando os *jeunes de cité* (jovens habitantes dos bairros pobres da França), mostra que as representações sociais sobre esses jovens de origem popular são homogeneizantes mas que na realidade há vários tipos de jovens segundo sua aptidão escolar e suas práticas sociais.

Diante do caso aqui relatado e examinado, parece-nos pertinente a seguinte indagação: será que no caso brasileiro a mobilidade social, no que tange aos universitários de favela, seria um fenômeno específico, da favela, que vem sendo objeto de ênfase pelas políticas públicas as mais variadas? Ou o acesso à universidade por parte das camadas populares seria um fenômeno de mobilização mais geral e, nesse caso, não teria especificidade na favela?

Referências

- ABRAMO, Pedro. (2002), “Uma teoria econômica da favela: Quatro notas sobre o mercado imobiliário informal em favelas e a mobilidade residencial dos pobres”. *Cadernos Ippur*, ano XVI, nº 2, ago/dez, pp. 103-134.
- ALVITO, Marcos. (2001), *As cores de Acari, uma favela carioca*. Rio de Janeiro, FGV.
- BIRMAN, Patricia [e] LEITE, Marcia (orgs). (2003), *Religião e espaço público*. São Paulo, Attar.
- BROCHIER, Christophe. (2007), “Les adolescents des favelas de Rio de Janeiro et le futur professionnel”. *Problèmes d’Amérique Latine*, nº 63, fev, pp. 77-97.
- CARVALHO, José Carmelo B.; ALVIM FILHO, Hércio [e] COSTA, Renato P. (orgs). (2005), *Cursos pré-vestibulares comunitários: Espaços de mediações pedagógicas*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio.
- DINIZ, Alexandre Vieira et al. (2006), *Caminhadas de universitários de origem popular: UFF*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão (Programa Conexões de Saberes).
- DUPREZ, Dominique. (1997), “Entre discrimination et désaffiliation: l’Expérience des jeunes issus de l’immigration maghrébine”. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, nº 76, pp. 79-87.
- FERNANDES, Mônica Pinheiro (org). (2006), *Caminhadas de universitários de origem popular: UFRJ*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão (Programa Conexões de Saberes).
- FOOTE WHYTE, William. (1955 [1943]), *Street Corner Society: The Social Structure of an Italian Slum*. Chicago/Londres, The University of Chicago Press.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. (2009), *Gringo na laje: Produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro, FGV.

- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. (2003), “Acesso de negros às universidades públicas”. *Cadernos de Pesquisa*, nº 118.
- LEEDS, Anthony. (1969), “The Significant Variables Determining the Character of Squatter Settlements”. *América Latina*, Vol. 12, nº 3, jul/set, pp. 44-86.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. (1967), “A política na favela”. *Cadernos Brasileiros*, nº 41, mai/jun, pp. 35-47.
- _____ (org). (2008), *Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MARIZ, Cecília; FERNANDES, Sílvia R. [e] BATISTA, Roberto. (1998), “Os universitários da favela”. Em: ZALUAR, Alba e Marcos Alvito (orgs). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, FGV, pp. 323-337.
- MARLIÈRE, Eric. (2008), “Les ‘jeunes de cité’: Territoires et pratiques culturelles”. *Ethnologie Française*, Vol. 38, nº 4, pp. 711-721.
- MEDINA, Carlos Alberto de. (1969), “A favela como uma estrutura atomística: Elementos descritivos e constitutivos”. *América Latina*, Vol. 12, nº 3, jul/set, pp.112-136.
- PAIVA, Angela R. (org). (2004), *Ação afirmativa na universidade: Reflexão sobre experiências concretas Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio/Desiderata.
- PAIXÃO, Marcelo [e] CARVANO, Luiz M. (orgs). (2008), *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil, 2007-2008*. Rio de Janeiro, Garamond.
- PANDOLFI, Dulce Chaves [e] GRZYNSZPAN, Mario (orgs). (2003), *A favela fala: Depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro, FGV.
- PICCOLO, Fernanda Delvalhas. (2006), “A gramática nativa: Reflexões sobre as categorias morro, rua, comunidade e favela”. Em: FRÚGOLI JR., Heitor et al. (orgs). *As cidades e seus agentes: Práticas e representações*. Belo Horizonte, Editora PUC Minas/Edusp, pp. 330-352.
- PRETECEILLE, Edmond [e] VALLADARES, Licia. (2000), “Favela, favelas: Unidade ou diversidade da favela carioca”. Em: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (org). *O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade*. Rio de Janeiro, Revan/Fase, pp. 375-403.

- SAGMACS. (1960), “Aspectos humanos da favela carioca”. O Estado de São Paulo (suplementos especiais), 13 e 15 de abril.
- SAMPAIO, Augusto Luiz Duarte. (2005), “Apresentação”. Em: CARVALHO, José Carmelo B.; ALVIM FILHO, Hércio [e] COSTA, Renato P. (orgs). Cursos pré-vestibulares comunitários: Espaços de mediações pedagógicas. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, p. 9-10.
- SCALON, Celi. (1999), Mobilidade social no Brasil: Padrões e tendências. Rio de Janeiro, Revan/IUPERJ.
- SILVA, Elionalva Sousa. (2006), Ampliando futuros: O Curso Pré-Vestibular Comunitário da Maré. Dissertação (mestrado em bens culturais e projetos sociais), CPDOC, FGV.
- SOUZA E SILVA, Jailson de. (2003), “Por que uns e não outros?” Caminhada de jovens pobres para uma universidade. Rio de Janeiro, Sete Letras.
- VALLADARES, Licia. (1978), Passa-se uma casa: Análise do Programa de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2000), “Qu’est-ce qu’une favela?”. Cahiers de l’Amérique Latine, n° 34, pp. 61-72.
- _____. (2005), A invenção da favela: Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro, Editora FGV.
- _____. [e] MEDEIROS, Lidia. (2003), Pensando as favelas do Rio de Janeiro, 1906-2000: Uma bibliografia analítica. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Faperj/Urbadata.
- ZÉROULOU, Zaihia. (1988), “La réussite scolaire des enfants d’immigrés: l’Apport d’une approche en termes de mobilization”. Revue Française de Sociologie, n° 29, pp. 447-470.